

Santa Dica de Goiás: o germinar de um movimento messiânico (1923-1925)

Robson Rodrigues Gomes Filho

Universidade Estadual de Goiás

Morrinhos – Goiás – Brasil

robson.educacao@yahoo.com.br

Resumo: Embora o “movimento de santa Dica” seja o mais importante movimento religioso de caráter messiânico-milenarista da história do estado de Goiás, é notória ainda a necessidade de investigação acadêmica sobre os fatos, motivações, características, singularidades e desfecho do movimento em questão, cujo surgimento e repressão já se aproximam de completar 90 anos de ocorrência. Em face disso, o objetivo central do presente artigo se pauta em uma análise do início do movimento messiânico de “santa Dica” em Goiás, partindo das condições que possibilitaram o surgimento de tal movimento, bem como daqueles que constituíram seu lastro social.

Palavras-chave: Messianismo. Santa Dica. Goiás.

Introdução

Na década de 1920, após a suposta ressurreição de uma adolescente de pouco mais de 15 anos de idade, surgiu no interior de Goiás, em uma pequena fazenda chamada “Monzodó”, o mais importante movimento religioso de caráter messiânico do estado. “Santa Dica”, como ficou conhecida Benedicta Cypriano Gomes – a menina que ressuscitara – dizia conferenciar com anjos, através dos quais curava, profetizava, abençoava, batizava e até mesmo casava àqueles que lhe procuravam em seu reduto. Seus ritos, embora muito confundidos com práticas do espiritismo, se deram de maneira híbrida, uma vez que mesclou tanto características do catolicismo, quanto do próprio espiritismo.

De acordo com as fontes consultadas pela presente pesquisa, é somente a partir de 1923, com a chegada de algumas importantes personagens no reduto, que o movimento propriamente dito teve seu início, com ritos e organização próprios. Em cerca de dois anos a pequena fazenda Monzodó se tornou um vilarejo conhecido por “Lagoa”, “Reduto dos

Anjos”, “Calamita dos Anjos”, e, mais tarde, “Lagolândia”¹, onde a “santa”, segundo relatos, reuniu cerca de 500 seguidores/habitantes, e onde até 70 mil pessoas a teriam visitado em romaria entre 1923 e 1925.

Em face do caráter não somente religioso, mas político e social do movimento, uma união informal entre Estado, coronéis locais e Igreja Católica² teve como desfecho uma abertura de um processo criminal, que culminaria em uma invasão policial no reduto onde o movimento ocorria. Tal intervenção se deu em 14 de outubro de 1925 (o “Dia do fogo”), havendo mortos e feridos.

Os relatos dos moradores descrevem a pouca quantidade de baixas na invasão (16 mortos e 5 gravemente feridos) como uma comprovação dos poderes sobrenaturais de Dica, uma vez que a mesma não foi morta ou mesmo capturada pelas forças policiais. Além disso, há relatos na tradição oral de que as balas que chegavam à “santa” eram presas por seus cabelos, ou caíam a seus pés em forma de grãos de milho, dentre outros inúmeros relatos orais que atribuem ao evento cenas miraculosas de heroísmo e santidade da parte de Dica. Além das supostas ações miraculosas da taumaturga, os mesmos moradores sobreviventes entrevistados por Lauro de Vasconcellos (1991) asseguraram que os anjos protegiam o local, uma vez que as balas atiradas pelas tropas do governo seriam “desviadas” pelos seres divinos, atingindo somente a copa das árvores e telhados das casas.

Com o fim do conflito, que durou cerca de 30 minutos, foi efetuada, sob forte resistência, a prisão de Alfredo dos Santos e Jacinto Cipriano Gomes. Dica, seu pai, seu tio Gustavo e alguns de seus seguidores fugiram. Dos indiciados, no entanto, apenas Manuel José de Torres (Cacheado) não foi encontrado.

Segundo consta no Processo 651 (1925, p. 76v), Dica foi encontrada e presa em Raizama (hoje município de Alto Paraíso), no dia 20 de outubro de 1925, participando, a partir de então, do restante do Processo Criminal, que duraria até meados de 1926. Em primeira instância, Dica foi condenada a cumprir a pena de um ano de prisão na Capital, com multa de 200\$000 (duzentos mil contos de réis). Também foram condenados os demais acusados³, à exceção de Jacinto Cipriano Gomes, uma vez que foi tido como inocente das acusações de estupro⁴, e de auxiliar Dica no movimento. Todavia, em 13 de julho de 1926, o

¹ Atualmente, Lagolândia é distrito da cidade de Pirenópolis, em Goiás.

² Sobre o assunto, ver: Gomes Filho (2012, p. 125).

³ Os acusados no processo criminal em questão foram: Benedita Cipriano Gomes (santa Dica), Benedito Cipriano Gomes, Gustavo Cipriano Gomes, Jacinto Cipriano Gomes, Alfredo dos Santos e Manuel José de Torres (conhecido por “Cacheado”).

⁴ Sobre o assunto, ver: Gomes Filho (2012, p. 118).

Superior Tribunal de Justiça de Goiás declarou serem improcedentes as denúncias contra os acusados, ordenando que se lavrasse o alvará de soltura dos mesmos.

Após a soltura, no entanto, Dica foi proibida pelas autoridades goianas de retornar ao reduto. No mesmo ano, a convite da Federação Espírita do Brasil, mudou-se, com alguns seguidores, para o Rio de Janeiro, onde realizou testes de mediunidade, através dos quais passou a ser conhecida em várias partes do Rio e São Paulo, chegando a receber destaque nas imprensas locais.

Cerca de um ano depois da invasão do reduto, todavia, Dica retornou à Lagoa, casada com um jornalista potiguar de nome Mário Mendes, com quem permaneceu em matrimônio até o final da década de 1940, a partir da qual seu marido (mergulhado em dívidas) a teria vendido a um sócio, com quem permaneceu casada até sua morte em 1970. Até essa data, Dica obteve grande influência política na região de Pirenópolis, todavia sem a força religiosa que antes exercia⁵. De “santa Dica”, Benedita Cipriano Gomes, ao longo dos seus 45 anos restantes de vida, se tornou apenas “madrinha Dica”, exercendo fundamentalmente (até onde oficialmente se conhece) funções religiosas de benzedura.

O movimento messiânico de santa Dica: um esboço de “estado da arte”

Embora o “movimento de santa Dica” tenha sido o mais importante de caráter messiânico-milenarista de Goiás, cujas características em muito contribuem para avanços no conhecimento científico acerca do messianismo e seus desdobramentos em geral, as produções acadêmicas acerca do que se passou entre 1923 e 1925 em Lagolândia (GO) permanecem há 20 anos sem significativos avanços, releituras ou aprofundamento de pesquisa. Não obstante a presença de pequenos relatos e produções independentes (jornalísticas, artísticas e literárias) desde a década de 1930 sobre o “movimento dos anjos”, somente na transição da década de 1980 para 1990 é que “santa Dica” entrou para o índice de assuntos a serem tratados na história regional (especialmente religiosa) de Goiás.

⁵ Mário Mendes, primeiro marido da taumaturga, chegou a ser eleito prefeito de Pirenópolis sob influência da esposa. Além disso, em 1932, sob convite do governador de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, a quem Dica auxiliou na tomada do poder em 1930, Dica comandou uma tropa de soldados no combate à Revolução Constitucionalista de 1932, a partir da qual criou-se uma série de relatos miraculosos sobre sua atuação como liderança militar.

Uma das primeiras obras de caráter crônico-literário a mencionar os eventos concernentes à “santa Dica” refere-se à *Mulheres e Monstros*, publicada em 1933 pela editora Unitas, de São Paulo, sob autoria do jornalista e cronista Ariosto de Colona Marosini Palombo, conhecido popularmente por seus pseudônimos “João de Minas” e “Mahatma Patiala”. Nascido em Ouro Preto (MG), em 1915, Ariosto Palombo se tornou um jornalista conhecido na década de 1920 e 1930 por trabalhar para jornais como *O Minas Gerais*, *Lavoura e Comércio*, *O Paiz* e *O Estado*. Sua carreira foi marcada não só por publicações jornalísticas, mas principalmente literárias, as quais ganham destaque *Mulheres e Monstros* (1933), *Pelas Terras Perdidas* (1934), e *Horrores e mistérios no sertão desconhecido* (1934), todos livros que transitam entre a crônica jornalística e a literatura sobre o sertão de Minas e Goiás⁶.

No que tange ao movimento de “santa Dica”, João de Minas produziu um pequeno texto de oito páginas inserido em *Mulheres e Monstros* (1933). Em seu conto, o autor se coloca em primeira pessoa, cuja narrativa se passa em uma suposta “segunda edição” do movimento dos anjos entre “setembro de 1926 aos últimos dias de janeiro de 1927” (MINAS, 1933, p. 62). Nesta suposta segunda empreitada religiosa, Dica teria voltado do Rio de Janeiro após seu exílio, posterior à sua absolvição em segunda instância do processo criminal de 1925. Nas palavras do autor:

O caso é que enxotada do estado, a saborosa morena, com os olhos quentes e negros, foi ao Rio e lá conheceu um tal Mário Mendes, jornalista, que veio consigo a Goiás, pro negócio de vender o céu a prestação aos trouxas. Mário Mendes, com a amante, dava sessões espíritas ou de macumba nas fazendas, onde aparecia enfiado numa farda vermelha de general, pra melhor assombrar e convencer os pobres sertanejos (MINAS, 1933, p. 61).

Já na citada passagem o leitor percebe qual o posicionamento adotado pelo cronista no que tange o movimento de “santa Dica”. No decorrer de sua narrativa, João de Minas descreve com expressividade uma possível fraude por parte de Dica, a qual nada mais desejaria senão ascender financeiramente à custa do “fanatismo” de seus crédulos seguidores. Para o autor, destarte, “santa Dica’ usava terríveis processos de fanatização, e que, na verdade, se não fossem embargados a tempo, renovariam em Goiás o drama de Canudos” (MINAS, 1933, p. 60).

⁶ Sobre a biografia de João de Minas, ver: Almeida (2007).

A perspectiva de João de Minas, entretanto, embora corroborasse com parte do que se queria acreditar que se passava no “movimento dos anjos”, especialmente por parte de Igreja, Estado e coronéis, não se tornou de todo imperante nas produções intelectuais sobre o assunto. Artistas consagrados no Brasil, como Tarsila do Amaral, se renderam diante da mística de “santa Dica”. Em quadro datado da década de 1930, a artista paulista desenhou o rosto da “santa”, cuja ilustração foi publicada no livro *Misticismo e Loucura*, do renomado psiquiatra e intelectual brasileiro Osório César.

Ainda entre a década de 1930 e 1940, Dica transitou entre versos e prosas. De modo especial, em poesia do modernista Jorge de Lima (1974), intitulada “santa Dica”, a santidade da taumaturga foi cantada em súplicas devocionais: “santa Dica’, ora por mim!”. Já a partir década de 1970, artistas plásticos, poetas, literatos, teatrólogos, cineastas e jornalistas redescobriram o “fato santa Dica” em Goiás. Jaime Câmara (1974, p. 156), conhecido jornalista goiano, em seu livro *Nos tempos de Frei Germano*, escreveu algumas linhas sobre o movimento de Dica, tomando como ponto de partida uma suposta entrevista com “Dr. José Franco Pimentel, que permaneceu no acampamento durante seis meses [...] padrinho de Benedita Cipriano”. Nos relatos descritos pelo jornalista, a imagem reproduzida de “santa Dica” revela uma “moça bondosa, bonita, inteligente e humanitária”. Apesar de destacar aspectos não voltados para um suposto charlatanismo, Câmara não deixa de transparecer expressões como “fanatismo”, “dominação”, “simulação” e “sonambulismo”, chegando a concluir que o Governo de Goiás foi “obrigado” a agir contra o reduto, para que se evitasse o que ocorrera décadas antes em Canudos.

Não obstante, é somente na década de 1980 que obras mais consistentes, do ponto de vista da pesquisa, ganharam espaço em publicações sobre o movimento de “santa Dica”. Ainda no campo da literatura, Antônio José de Moura, em sua obra *Sete léguas de paraíso* (1989), ganhou destaque pela riqueza de detalhes e informações colhidas para a redação de sua narrativa. Na citada obra, o literato destacou-se pela utilização de uma série de fontes históricas, como o Processo Criminal de 1925, jornais da época, entrevistas, gravações, etc.

Tais utilizações deram ao seu romance um caráter histórico singular, tornando-o ainda hoje uma das mais frequentadas obras acerca do movimento em questão. Essa historicidade, no entanto, embora não fosse esta a intenção do autor⁷, levou diversos pesquisadores sobre o tema a cometerem equívocos, uma vez que – por descuido metódico –

⁷ Em entrevista realizada no dia 14/11/2011, em Goiânia, Antônio José de Moura nos revelou surpreso por saber da utilização de sua obra como fonte histórica sobre o movimento, uma vez que ao escrever o romance não se preocupou – evidentemente – com quaisquer conformidades históricas nas cenas literárias que escreveu.

utilizaram-se de diversas informações de *Sete léguas de paraíso* como fontes históricas seguras, sem maiores preocupações acerca da veracidade das informações⁸, ou mesmo na procura por corroborá-las nas próprias fontes de pesquisa⁹.

Concomitante à pesquisa realizada por Moura (1989), Lauro de Vasconcellos escrevia ainda na década de 1980 sua dissertação de mestrado, cujo texto fora publicado postumamente em 1991 sob o título de *Santa Dica: encantamento do mudo ou coisa do povo*. Pioneira na inserção de Dica no campo acadêmico, a obra de Lauro de Vasconcellos se tornou a principal referência para os estudos posteriores, seja pelo seu pioneirismo no assunto, seja pelo fato de ser, ainda hoje, a única obra sobre o tema editada em formato de livro, em uma editora de caráter científico-acadêmico. Além das citadas características da obra, o livro de Vasconcellos traz como contribuição a anexação de importantes documentos para pesquisa acerca do assunto, como entrevistas com moradores vivos na época do movimento, documentos de agrimensura, demografia, fluxo econômico, etc., em sua grande maioria em versões integrais. Para pesquisas posteriores, a apresentação de tais documentos se tornou peça *sine qua non* para aperfeiçoar as investigações sobre o assunto.

Por outro lado, não obstante às imprescindíveis contribuições da obra de Vasconcellos, a mesma apresenta evidentes limitações. A primeira delas que destacamos refere-se ao fato de que, ao tentar elaborar “um trabalho histórico-sociológico” (VASCONCELLOS, 1991, p. 19), o autor acabou por utilizar, nas palavras de Brito (1992, p. 10),

como fundamento para sua análise, os trabalhos empreendidos por Maria Isaura Pereira de Queiróz, entre outros, buscando chegar a uma tipologia do movimento, caracterizando-o como mais um caso de messianismo de caráter religioso-social-utópico.

Evidentemente, nossa crítica não se dá ao fato de Vasconcellos alvitrar uma pesquisa histórico-sociológica, mas à forma como o autor priorizou a formação de uma tipologia do movimento, não realizando o processo contrário, qual seja, a compreensão do objeto por meio da tipologia. Tal crítica é sustentada pelo fato de que, apoiando-se em uma análise demasiado longa de variados movimentos messiânicos brasileiros (Canudos, Juazeiro, Contestado e Muckers), sob o prisma teórico da sociologia do messianismo brasileiro de

⁸ Na mesma entrevista, o próprio Antônio José de Moura nos revelou que nenhum pesquisador antes do autor do presente trabalho o procurou para obter informações acerca dos levantamentos históricos do seu romance.

⁹ Como exemplo das más utilizações das informações literárias de *Sete léguas de Paraíso*, citamos os casos de Rezende (2009), Carvalho (2003) e Silva (2005). No mesmo caso se insere um artigo que publicamos em 2009, a partir do qual fazemos no presente trabalho nosso “*mea culpa*”: Gomes Filho (2009).

Maria Isaura Pereira de Queiroz, Vasconcellos acabou por concluir que o movimento de Dica, não obstante suas inúmeras singularidades históricas e religiosas, seria “mais um caso de messianismo de caráter religioso-social-utópico”, conforme afirmou Eleonora Brito. Isto significa que, em prol da tipologização/sociologização do objeto de pesquisa em questão, o historiador desfocou as singularidades e particularidades históricas dos acontecimentos, sujeitos e processos envolvidos.

Ainda na última década do século XX, mais precisamente em 1992, uma importante dissertação de mestrado ganhou a cena nos estudos sobre “santa Dica”: *A construção de uma marginalidade através do discurso e da imagem: “santa Dica” e a Corte dos Anjos – Goiás – 1923-1925* de Eleonora Zicari Costa de Brito, defendida pela Universidade de Brasília. Em seu trabalho de mestrado, Brito teve grande mérito no largo uso das fontes históricas, trabalhando não só com o Processo Criminal contra Dica, mas também com os jornais *Santuário da Trindade* e *O Democrata*, ambos construtores específicos de diferentes imagens sociais acerca do movimento messiânico em questão.

Nas palavras da própria autora,

O fato é que, ao trabalharmos sobre o acontecimento passado, não estamos a procurar um corpo que em seu movimento deu significado à sua existência, mas sim as condições de possibilidade em que se deu essa existência, mais explicitamente, o que buscamos são os discursos produzidos por e sobre esse acontecimento passado. Em outras palavras, estamos atrás das pistas que esses discursos deixaram sobre as práticas ali desenvolvidas (BRITO, 1992, p. 22).

Neste sentido, o trabalho de mestrado de Eleonora Brito traz como plano de fundo uma análise de discursos aos moldes foucaultianos; basicamente o “discurso da Igreja” (*Santuário da Trindade*), o discurso do “homem positivo” (*O Democrata*) e o discurso da Justiça (*Processo Criminal*). A partir de tais discursos, foi pretensão da autora remontar os acontecimentos ocorridos na “Lagoa” entre 1923 e 1925, todavia não sob a perspectiva dos acontecimentos em si, mas apenas do ponto de vista daqueles que sobre eles emitiram algum tipo de discurso.

Desse modo, não obstante alguns problemas teóricos que a perspectiva da “análise de discurso” pode acarretar (de maneira especial na negligência da existência objetiva de um passado como objeto de estudos a ser reconstruído por meio da pesquisa histórica¹⁰), o fato é que Eleonora Zicari Costa de Brito trouxe como indispensável contribuição acadêmica a

¹⁰ Sobre o assunto, ver: Rösen (1989) e (2007).

apresentação e análise de fontes históricas imprescindíveis para uma pesquisa séria sobre o assunto. Seu trabalho com as fontes, destarte, ao contrário de Vasconcellos, se deu de maneira mais eficaz, dando voz ao próprio objeto de pesquisa (mesmo que de um ponto de vista inteiramente discursivo).

Ainda no campo acadêmico, não obstante a produção de alguns trabalhos de graduação sobre o movimento de “santa Dica”, somente no ano de 2005 uma nova pesquisa de pós-graduação *stricto-sensu*, em nível de mestrado, trouxe como tema o movimento em questão, portanto, treze anos decorridos do trabalho de Eleonora Brito. A dissertação a que nos referimos teve como título *Santa Dica ou Reduto dos Anjos: uma visão psicossocial*, sob autoria de Jeane das Graças Araújo Silva e defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Embora o citado trabalho de mestrado tenha marcado a retomada dos estudos sobre “santa Dica” em nível de pesquisa acadêmica de pós-graduação, após mais de uma década de ausência do assunto, a autora deixou em muito a desejar na pesquisa com as fontes. Além da *não utilização de qualquer fonte primária* (jornais, processos, entrevistas, etc.), a perspectiva teórica adotada pela autora se tornou confusa. Mais que isso, o não uso de fontes primárias, tanto como as modestas reflexão teórica e revisão bibliográfica realizada pela autora, fizeram com que seu trabalho em muito pouco acrescentasse ao que já havia sido produzido até então sobre o tema.

Além do trabalho de Jeane Silva, diversas monografias, artigos e trabalhos acadêmicos de graduação foram publicados em nível acadêmico já na primeira década do século XXI¹¹. Todavia, assim como no caso da citada autora, em nenhum houve uma nova pesquisa nas fontes documentais, iconográficas, orais, etc., não havendo mais que uma reprodução contínua dos trabalhos de Lauro de Vasconcellos, Eleonora Zicari e mesmo do romance de Antônio José de Moura.

Transitando ainda no meio acadêmico, em 2009 a historiadora Waldetes Aparecida Rezende, moradora do atual distrito de Lagolândia (local onde ocorreu o movimento de “santa Dica”), publicou o livro *Santa Dica: História e Encantamentos*. Fruto de uma descuidada edição independente, o livro de Rezende, apesar de contribuir com importantes relatos orais de moradores do atual distrito, deixou em muito a desejar no que tange uma fundamentação

¹¹ Dentre os trabalhos acadêmicos das citadas modalidade sobre o assunto podemos citar: Brito (2001), Araújo (2001), Carvalho (2003), Gomes Filho (2009), dentre outros.

histórica consistente para as informações trabalhadas, carecendo profundamente de crítica às fontes, revisão bibliográfica, fundamentação teórica e “neutralidade axiológica”¹².

Face à mencionada bibliografia, obras literárias, artísticas, jornalísticas, etc., o movimento messiânico de “santa Dica” carece ainda significativamente de investigações acadêmicas. As inúmeras possibilidades de pesquisa, seja do movimento ocorrido entre 1923 e 1925, seja da fase posterior até a morte de Dica, abrem caminhos e possibilidades interpretativas das mais variadas, as quais urgem ainda hoje por esforços investigativos da academia goiana e brasileira¹³.

“Reduto dos Anjos”: o germinar de um movimento messiânico

O movimento de “santa Dica” teve seu início nos primeiros anos da década de 1920. Benedita Cipriano Gomes era a filha mais velha de oito irmãos, filhos de Benedito Cipriano Gomes. O local de seu nascimento foi um conjunto de pequenas fazendas de nome “Monzodó”, na região periférica do município de Pirenópolis, considerado um local periférico no (periférico) estado de Goiás¹⁴.

Segundo consta em relatos, antes da década de 1920, quando seu movimento teve início de fato, Dica teria supostamente ressuscitado duas vezes. Uma quando nascera:

Em 13 de abril de 1905 [...] com grande dor receberam a notícia da parteira de que a criança não vingara, pois não conseguira fazer com que ela chorasse, apesar de todos os recursos utilizados, como rezas e simpatias. Aproximadamente 24 horas depois, os pais já se preparavam para enterrá-la. Com espanto, presentes ouviram o

¹² Embora os mencionados problemas referentes à obra de Waldetes Aparecida Rezende, utilizaremos, com os devidos cuidados, de algumas informações contidas em seu livro, uma vez que a autora utilizou-se de entrevistas e dados informais que somente estão disponíveis na citada obra, sendo estes um dos principais méritos da obra em questão.

¹³ A dissertação de mestrado que originou o presente artigo foi um esforço de retomada de tais investigações, a partir do qual o autor buscou não somente novas interpretações históricas sobre o movimento, mas uma importante retomada de pesquisa em fontes documentais da época, como o “Processo Criminal” a que Dica foi indiciada e o jornal *Santuário da Trindade*, utilizado como veículo de campanha da Igreja Católica – através da Ordem Redentorista – contra o movimento messiânico em questão.

¹⁴ O município de Pirenópolis se encontra na região centro-norte do estado de Goiás. Segundo Brito (1992, p. 343), “a maior parcela da população encontrava-se concentrada na região sul, responsável pela maior produção agrícola e segunda colocada em relação à produção pecuária. A segunda maior região em termos populacionais era o norte-nordeste, cuja produção pecuária era a primeira do estado. A região centro-norte do estado, penúltima em termos populacionais era a última colocada nas produções agrícolas e pecuária em relação às outras regiões”. Destarte, embora durante o período da mineração Pirenópolis tenha se tornado uma das principais cidades de Goiás, o século XX já reservava a esse município uma posição de periferia.

choro do bebê que até então não apresentara sinais de vida (REZENDE, 2009, p. 10)¹⁵.

Outra quando tinha apenas dois anos de idade:

Com a idade de dois anos, sem sofrer de nenhuma doença aparente, para de respirar, fica totalmente imóvel sem responder a nenhuma tentativa de recobrar-lhe os sentidos, o que causa imensa tristeza em seus familiares e naqueles que moravam na região, que não tinham conhecimento de enfermidade alguma que pudesse ter causado tal tragédia. Após um período de velório, todos se assustaram diante da cena que assistiram, Dica tossia e de sua boca golfadas de sangue e pus saíam sem que pudessem ser contidas. Ao cessarem, ouviram quando uma voz estranha, que certamente reconheciam como não sendo a da criança, dizia: “O sangue derramado a livrou do pecado e o pus a limpou das impurezas”. Todos os presentes tiveram um único entendimento do fato ocorrido, que Dica era uma criança especial e nascera com uma missão a cumprir, acima da compreensão de qualquer um deles (REZENDE, 2009, p. 11).

Em ambos os casos percebemos que as supostas ressurreições estão tangidas de elementos místicos presentes no imaginário religioso popular. Todavia, foi somente em 1920, quando Dica supostamente ressuscitou pela terceira vez que sua fama de fato se espalhou e seu movimento messiânico teve *condições de ter início* concreto. Nesse sentido, percebemos que para dar início ao movimento messiânico em si, não bastavam fatos extraordinários, como uma ressurreição, ou mesmo a presença de vozes que apontassem Dica como sendo uma “menina especial”. Dica necessitava de capacidades psicomotoras e intelectuais para abstrair e estabelecer uma nova doutrina e religiosidade, ou mesmo manipular elementos do sagrado (realização de curas e rituais que servissem de provas de seus dons extracotidianos) que permitisse aos seguidores terem condições de nela acreditar, e a ela seguir. Tais capacidades só poderiam estar presentes em Dica com uma idade já avançada, ou através da presença de terceiros que a investisse de ideias e procedimentos originais para uma nova religiosidade.

Destarte, apontamos duas condições *sine qua non* para o início do movimento de “santa Dica”: em primeiro lugar *as constantes provas de seus dons extracotidianos*, e em segundo *a presença de auxiliares específicos*. Com relação à primeira condição, segundo Weber (1999, p. 324. *Grifo nosso*),

¹⁵ Embora a obra de Rezende (2009) seja fruto de uma descuidada edição independente, carecendo de heurística, metodologia e fundamentação teórica, a mesma tem a importância – que nos é cara no presente trabalho – de oferecer ao leitor uma versão atualmente relatada pelos próprios moradores do local onde há 90 anos ocorreu o movimento messiânico em questão.

Se aqueles aos quais ele [o líder carismático] se sente enviado não reconhecem sua missão, sua exigência fracassa. Se o reconhecem, é o senhor deles *enquanto sabe manter seu reconhecimento mediante “provas”*. Mas, neste caso, não deduz seu ‘direito’ da vontade deles, à maneira de uma eleição; ao contrário, o reconhecimento do carismaticamente qualificado é o dever daqueles aos quais se dirige sua missão.

Isso significa que para que Dica se tornasse uma liderança carismática não bastava que houvesse somente um evento fundador (ressurreição), mas seria necessária uma constância de provas de suas capacidades extracotidianas que inferisse diretamente nas necessidades pessoais e coletivas daqueles que a teriam como líder. Portanto, haveria a necessidade de “reconhecimento do carismaticamente qualificado” por aqueles “aos quais se dirige sua missão”, sendo esse reconhecimento somente alcançado por meio de curas, milagres e profecias, uma vez que por si só Dica não possuía legitimidade para suas ações religiosas, como no caso dos sacerdotes católicos (cujo carisma institucional está presente em si pelo simples fato de serem sacerdotes, dispensado a necessidade de provas)¹⁶.

Prova disso podemos constatar no depoimento de Herculano Flores, mercador de gado de trinta e nove anos, que ao constatar uma suposta falha em uma prova das capacidades extraordinárias de Dica, afirmou ter se tornado descrente, deslegitimando toda a atividade religiosa por ela exercida¹⁷.

[...] ultimamente despeitava a indiferença ou a descrença de muitos daqueles que se deixaram, à primeira vista, se iludir pelas artimanhas de Dica; Que os fatos a que se refere são estes: certo dia ele depoente presenteou Dica com um vidro de brilhantina de primeira qualidade, brilhantina essa de que se serviu Dica para seus cabelos, logo que a recebeu; Que, à noitinha desse mesmo dia, na sessão a que ali se chamava conferência, Dica, deitada em sua cama, e fazendo as revelações de costume, chamou à atenção dos constantes para o perfume que rescindia das suas mãos dizendo que esse odor era o dos santos óleos que os anjos haviam trazido para as suas mãos; Que ele depoente, entretanto, ao beijar as mãos de Dica, como era praxe naquelas ocasiões, em que se realizavam as sessões, sentiu que o cheiro agradável que inalava das mãos de Dica não era senão o da brilhantina com que horas antes ele a havia presenteado¹⁸.

A constância das provas, e com elas da eficácia dos rituais, é uma condição fundamental para a existência e manutenção de um movimento messiânico, uma vez que a legitimidade religiosa da liderança, e, portanto, seu carisma, depende inteiramente da adesão

¹⁶ Ver: Weber (2009, p. 303-310) e Freund (2003, p. 143).

¹⁷ Lembramos que a fonte consultada se trata de um depoimento em inquérito policial, o que significa que, diante da pressão da acusação de envolvimento no suposto “crime”, não raramente a testemunha venha a negar seu envolvimento, alegando – neste caso – descrença nas atividades ocorridas no reduto. Independente disso, a vinculação de sua suposta “descrença” a partir de uma falha das provas mediúnicas de Dica é o que de fato nos interessa para a reflexão que se segue.

¹⁸ Herculano Flores. Testemunha. In: Processo 651, 1925, p. 36f-36v.

incondicional de seus seguidores, alcançada somente por meio de tais provas. A falha em uma dessas provas, como no caso acima citado, põe em risco a legitimidade da liderança, pois “ao acabar o reconhecimento do povo, o senhor é um simples homem particular e, se pretende ser mais, um usurpador culpável” (WEBER, 1999, p. 326).

Já no que se refere à segunda condição por nós apontada, a leitura das fontes nos indica que, embora o “fator fundante” (terceira suposta ressurreição de Dica) tenha ocorrido em 1920, é somente a partir de 1923 que há uma presença forte de seguidores, bem como uma estruturação e organização das práticas religiosas do movimento¹⁹. Não coincidentemente, no mesmo Processo Criminal, Dica revela que “as primeiras casas de telhas dos romeiros edificadas na ‘Lagoa’ foram as de Alfredo dos Santos, Firmino e Antônio da Silva Moreira”²⁰. O nome a que damos destaque dentre os primeiros moradores do reduto, não obstante, é de Alfredo dos Santos²¹.

Declarando ter nascido em Soledade, no estado do Rio Grande do Sul, com “mais ou menos cinquenta anos de idade”²², filho de João Tomas dos Santos, Alfredo dos Santos trabalhava em Goiás como “mestre escola” já há alguns anos²³. Segundo seu próprio depoimento,

[...] por intermédio de uma paulista, sua companheira de há muitos anos, chegaram-se aos ouvidos os primeiros conhecimentos dos [-----] que se passavam no lugar “Lagoa”, à margem do rio do Peixe, deste município; soube ele, então que Benedita Cipriano Gomes, conhecida por Dica, era a criatura escolhida para a [----]lação desses fenômenos; *que tendo ao seu lado uma bagagem espiritista de trinta anos*, não pôde resistir ao desejo de ver e ouvir de perto o que revelava aquela moça e, assim, para aquele sítio se dirigiu; não foi, entretanto, feliz na sua primeira investida nesse sentido, pois Dica, que passava a cavalo em companhia de outras pessoas, quando ele se aproximou de sua casa, não lhe prestou a menor atenção ao seu chamado, [...] uma vez que, dizendo-lhe “Estou com pressa”, [indecifradas 2 palavras] e o deixou numa expectativa que vinha confirmar o que havia ouvido dizer, isto é, *que Dica não receberia a ele, Alfredo dos Santos, por o saber invocador de espíritos*; Ursolino que nessa [indecifrado] como curandeiro aplicava remédios não

¹⁹ Apesar de haver relatos de algumas curas e atos de benzedura por parte de Dica entre 1920 e 1922, as testemunhas ouvidas no Processo Criminal afirmam o início real dos rituais, e, com eles, do movimento, somente a partir de 1923: “que de doze de janeiro deste ano para cá, Dica começou fazer casamentos, chegando a casar umas trinta e tantas pessoas, mas que batismos e crismas já fazia ela desde julho de mil e novecentos e vinte e três, ocasião em que começaram as sessões espiritistas de Dica” (Herculano Flores. Testemunha. In: Processo 651, 1925, p. 39v); “Que essas sessões ou conferências datam de dois anos” (Isaac Ribeiro da Costa. Testemunha. In: Processo 651, 1925, p. 95v); “que Benedita Cipriano era uma moça histórica e sonâmbula, doente portanto, isto a dois anos precisamente” (Emílio de Carvalho. Testemunha. In: Processo 651, 1925, p. 137f)

²⁰ Benedita Cipriano Gomes. Indiciada. In: Processo 651, 1925, p. 49f.

²¹ Em seu depoimento em 1925, Dica revela ter conhecido Alfredo dos Santos “há dois anos” (Benedita Cipriano Gomes. Indiciada. In: Processo 651, 1925, p. 128v), portanto em 1923.

²² Alfredo dos Santos. Indiciado. In: Processo 651, 1925, p. 80v.

²³ Segundo Vasconcellos (1991, p. 121), sobre Alfredo dos Santos “dele tem-se notícias lecionando, como professor particular em vários locais, como Descoberto (Porangatu), Pilar (de Goiás), Goiabeiras (Inhumas), Curalinho (Itaberaí) e Pirenópolis. Afirmava ter saído de seu estado natal após a Revolução de 1893 da qual participara como maragato. Entretanto, não se tem qualquer documentação sobre sua participação no conflito”.

perdeu, como seu amigo, a esperança de o ver participar daqueles fenômenos revelados por Dica e, de fato, dentro de um mês, mais ou menos, ele declarante [----] companhia de Ursolino [indecifrado] [-----] [indecifradas 3 palavras] [---] apeava à porta da casa em que Dica morava [...]; Dias depois, deixou ele declarante sua antiga residência para levantar na “Lagoa” o primeiro rancho dos romeiros²⁴.

No que tange esse depoimento, nos chama atenção o fato de que este gaúcho de “cerca de cinquenta anos” parece ter trazido ao conhecimento de Dica práticas fundamentais ao desenvolvimento do movimento, e que a indiciada até então não conhecia, uma vez que, segundo ele, Dica o rejeitou em sua primeira investida por saber que ele era “invocador de espíritos”. Sua “bagagem espiritista de trinta anos”, tanto quanto seu conhecimento das letras, nos sugere que Alfredo dos Santos possuía certa experiência com uma prática religiosa que não se limitava ao simples curandeirismo popular: ele era um “invocador de espíritos”, provavelmente um praticante da religião espírita.

O conhecimento de Alfredo dos Santos de uma prática religiosa já estruturada como o espiritismo, bem como seu “conhecimento das letras”, fazem desta personagem uma peça fundamental para compreendermos a passagem de Dica de uma simples “curandeira” para uma “líder messiânica”. Lauro de Vasconcellos (1991, p. 92) afirma que “é provável que o ‘mestre’, ou Dr. Alfredo, como foi conhecido, tenha auxiliado a Dica no início de sua transformação de ‘curandeira’ em ‘messias’ daquela população que ali se congregava”. Mais do que isso, o indiciado se tornou o principal braço-direito de Dica, auxiliando-a em todos os seus rituais, seja como transcritor das mensagens recebidas pelos “anjos”, ou como leitor de orações nos ritos de batismo, casamento e confirmação (crisma). Acusado por testemunhas de ser o principal organizador dos rituais realizados por Dica no reduto²⁵, Alfredo dos Santos se defende afirmando que

[...] no tocante à sua cooperação nos batismos, confirmações e casamentos, tem a explicar que apenas tomava parte na colocação do pessoal e assentamento, mesmo porque era chamado por vozes de diferentes tons e diferentes idiomas, tendo sido revelado por espíritos da maneira das confirmações, cujo modelo traz comigo, ditado por invisíveis, *em cuja matéria tem um conhecimento de trinta anos*, e de cuja prática não auferiu jamais um tostão sequer de provento²⁶.

²⁴ Alfredo dos Santos. Indiciado. In: Processo 651, 1925, p. 31f-32f. *Grifos nossos*.

²⁵ A testemunha Herculano Flores, dentre muitas outras, afirma “que propaganda das sessões espiritistas de Dica a todos que ali iam a faziam, mas que, diretamente, não lhe contou ter ela outros auxiliares nessas sessões, a não ser Alfredo dos Santos” (Herculano Flores. Testemunha. In: Processo 651, 1925, p. 40v)

²⁶ Alfredo dos Santos. Indiciado. In: Processo 651, 1925, p. 84v-85f. *Grifos nossos*.

Em todo caso, nos parece claro que a chegada de Alfredo dos Santos no reduto foi fundamental para que o que ocorria na “Lagoa” se tornasse de fato um movimento messiânico, uma vez que é somente a partir da chegada dele que Dica passa a praticar rituais religiosos organizados, bem como curas e revelações, que garantiram sua legitimidade religiosa diante dos seus seguidores²⁷.

Não obstante, o fato é que a partir de 1923, o que parecia ser mais uma simples prática de curandeirismo popular se tornou um forte movimento de caráter messiânico²⁸, atraindo milhares de pessoas, sejam como seguidores fiéis, sejam como romeiros.

Considerações finais

O número de pessoas que passaram pelo reduto de Dica, bem como os que ali se fixaram, é impreciso. As testemunhas do Processo Criminal afirmam cifras de habitantes do reduto em uma variação de 300 a 800 pessoas. Já o número de romeiros descritos no mesmo Processo torna-se ainda mais impressionante: entre 60 e 70 mil pessoas nos pouco mais dois anos de movimento²⁹. Em ocasiões de festas religiosas, as testemunhas afirmam a presença de milhares de pessoas, utilizando-se de cifras bastante imprecisas, chegando de 2 mil a 15 mil pessoas:

Que nas ocasiões de festas que se realizavam na “Lagoa”, para ali aflui a uma enorme população, sendo a da festa de dezembro calculada por um engenheiro, relativamente à área do terreno ocupada em cerca de quinze mil pessoas³⁰.

Para se ter uma ideia do que esses números significam – caso estejam pelo menos próximos de serem reais – para Goiás na década de 1920, tomamos alguns dados estatísticos

²⁷ Em depoimento, Isaac Ribeiro da Costa afirma que “sabe por ouvir dizer que Alfredo dos Santos auxiliava a denunciada, não na sessão, mas insinuava no espírito dela antes das conferências; Que depois da chegada de Alfredo à Lagoa, ali não foi mais o depoente, sabendo, entretanto, que de então a esta parte ali celebram casamentos, batizados e crismas, ignorando o depoente a maneira dessas cerimônias. (Isaac Ribeiro da Costa. Testemunha. In: Processo 651, 1925, p. 96f)

²⁸ Sobre as características notadamente messiânicas e milenaristas do movimento em questão, ver: Gomes Filho (2012, p. 91-94).

²⁹ A testemunha Herculano Flores afirma que “pode afirmar, por ter ouvido dizer, que Dica, representando os anjos, dissera haver se verificado na “Lagoa” setenta mil confirmações calculadamente” (Herculano Flores. Testemunha. In: Processo 651, 1925, p. 40f).

³⁰ Herculano Flores. Testemunha. In: Processo 651, 1925, p. 40f.

significativos. O estado de Goiás, segundo recenseamento do IBGE em 1920, compunha-se de 512.596 habitantes, desses, 21.233 residiam na capital (Goiás), 38.574 em Catalão (município mais populoso), 25.786 em Boa Vista do Tocantins (segunda mais populosa), 15.872 em Formosa (quarta mais populosa) e 12.661 em Rio Verde (quinta mais populosa)³¹. Se levarmos em consideração o fato de que esses números correspondem tanto à zona urbana como a zona rural, a quantidade de cerca de 15 mil pessoas em um período de festas no reduto de “santa Dica” se torna ainda mais significativa, pois essa cifra representa um número quase que equivalente à quarta cidade mais populosa do estado, e a 70% da população da capital de Goiás³². Além disso, caso a cifra de 70 mil confirmações (cuja imprecisão é ainda mais evidente) esteja pelo menos próximo de ser verdadeira, essa representaria 13,65% da população total do estado, 37,1% da população da região sul-sudeste (a mais populosa e desenvolvida do estado) e quase duas vezes a quantidade de pessoas habitantes na região centro-norte de Goiás, em que está inserida a localização do reduto³³.

Face a isso, ainda acerca da formação do reduto dos anjos, ou “Lagoa” (como ficou conhecido) é interessante ressaltarmos não somente a quantidade, mas sobretudo que tipo de pessoas habitaram e visitaram o reduto de “santa Dica”. Dentre as centenas ou milhares de pessoas que passaram pela “Lagoa”, vale destacar que o movimento não acolheu somente pobres, doentes e necessitados, mas antes, pequenos proprietários, comerciantes, boiadeiros, fugitivos, “desocupados”, gente de todo tipo e de todos os cantos do estado e mesmo de outros estados da Federação. No Processo Criminal encontramos indicações de pessoas da Bahia, Mato Grosso, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo.

Essas pessoas a que foram denominados “seguidores” ou “romeiros” de Dica foram desqualificados pelos opositores do movimento (de maneira especial pela imprensa católica e laica), de um modo geral, como bandoleiros, desocupados, fanáticos, ignorantes, assassinos, doentes, dentre outros. Segundo o relatório do Chefe de Polícia do Estado de Goiás, Celso Calmon Nogueira da Gama,

Benedita Cipriano Gomes, mais conhecida por “Dica”, “Santa”, e como tal, tem reunido em torno de si grande multidão de pessoas da redondeza e de quase todos os pontos do nosso estado, até mesmo dos estados vizinhos. *Essa multidão, de milhares de pessoas da pior classe, ali aglomeradas e fanatizadas pela suposta “santa”, tem*

³¹ Dados retirados de Vasconcellos (1991, p. 54).

³² Segundo Vasconcellos (1991, p. 76), a cidade de Goiânia, construída para ser a capital do estado, contava em 1940 com 12.005 habitantes, portanto um número inferior ao relacionado a um período de festa no reduto de “santa Dica” entre 1923 e 1925.

³³ Segundo o recenseamento do IBGE em Goiás, em 1920, apresentado por Vasconcellos (1991, p. 54), na região sul-sudeste habitavam 188.251 pessoas e na região centro-norte 49.634 pessoas.

*praticado muitos abusos e extorsões, dentre as quais posso citar alguns que me recordeo no momento e que me foram relatados por pessoas criteriosas*³⁴.

Essa “multidão de pessoas da pior classe” procurava em Dica a cura para todo tipo de males, do corpo, da alma, ou mesmo de questões cotidianas como dívidas, empregos, etc. Aqueles que por qualquer razão não conseguiam ir pessoalmente ao reduto mandavam-lhe cartas com seus pedidos para que os “anjos”, através de Dica, os atendesse. De Goiabeiras (atual município de Inhumas), escreveu José Rodrigues de Azevedo em 11 de outubro de 1924:

Santos Anjos – Peço conferência espiritual para este pedido e sua resposta.

Harmonia, amor, verdade e Justiça.

Não podendo vir em pessoa à vossos pés, venho por meio destas linhas fazer o meu pedido, pela crença já patenteada nas santas palavras e revelações de Deus, por manifestações vossas, cujo pedido é o seguinte:

Peço aos meus anjos e aos anjos Lehaiah, Hacamia e Damabiah – meus gênios protetores, com os seus poderes, façam o Governo de Goiás, com os seus auxiliares, me chamarem para um emprego que eu possa aposentar. Aceito mesmo ser chamado para o quartel donde saí em fevereiro de 1920. Pois, conforme dizem-me todos quanto aí têm ido, que os anjos têm, realmente, o poder de Deus para atender todas as coisas custosas, é este meu pedido coisa material. Material, como me diz o Nestor Coelho quando aí foi. É provável tudo acontecer porque para isto os anjos têm poder. Assim espero e, se Deus quiser cumprir o voto neste sentido já prometido, e ser coberta a minha fé [----]³⁵.

Todavia, como já dito, não só pobres, desocupados e moribundos estiveram ou se fixaram no reduto de Dica. Diversos fazendeiros locais estiveram na “Lagoa”, curiosamente não se opondo ao movimento que ali ocorria até o ano de 1924. “Durante o primeiro ano de curas e milagres de ‘santa Dica’ (1923-1924), não se conhece qualquer documento que fale da hostilidade contra o reduto e os feitos da santa, por parte da sociedade envolvente, ou mesmo dos grupos dominantes mais próximos” (VASCONCELLOS, 1991, p. 114). O motivo dessa “tolerância” ao movimento durante todo o ano de 1923 (quando as atividades religiosas já estavam ocorrendo), tanto por parte das elites locais, quanto por parte da imprensa católica e laica, parecem indicar um momento ainda de formação dos rituais, tanto quanto das doutrinas e posicionamentos políticos. Ao que nos parece, o ano de 1923 foi ainda marcado pelo estabelecimento dos rituais religiosos principais, e não pela contestação político-social.

³⁴ Celso Calmon Nogueira da Gama. Chefe de Polícia do Estado de Goiás. In: Processo 651, 1925, p. 18f. Grifo nosso.

³⁵ José Rodrigues de Azevedo. Carta em anexo. In: Processo 651, 1925, p. 53f.

Em todo caso, há informações precisas sobre a presença de fazendeiros e coronéis no reduto, alguns pela convicção no que ali se passava, outros com interesses político, econômico e pessoais. Em primeiro lugar, com relação aos proprietários de terras que se fixaram no reduto, Isaac Ribeiro da Costa, negociante de 38 anos de idade, nos revela que

[...] sabe haverem vários fazendeiros deixado mais fazendas [indecifrado] com suas famílias morar na situação em que se acha Benedita, podendo citar, entre outras as de nomes Pedro Ferreira, do município de Jaraguá, Antonio Albino do município de Curalinho e Pedro Alberto, do município de Jaraguá³⁶.

Por outro lado, há informações de outros fazendeiros e coronéis que estiveram na presença de Dica, muitos deles presenteando-a com cortes de vestido, seda e até mesmo dinheiro³⁷. É difícil precisar, no entanto, quais os interesses reais de tais coronéis ao presenteá-la dessa maneira: se houve interesses políticos em sua influência local, se houve interesses pessoais com sua pessoa, etc.³⁸

Destarte, reafirmamos que o início do movimento de “santa Dica” se deu propriamente a partir do ano de 1923. Apesar de o fator fundante (terceira suposta ressurreição de Dica) ter ocorrido em 1920, é somente a partir de 1923, com a importante presença e influência de Alfredo dos Santos, bem como a estruturação religiosa e social do reduto e da prática de curas e milagres, que se pôde dar início a romarias e festas tão numerosas, bem como o acolhimento de um número tão expressivo de seguidores.

Lembramos que as questões políticas e sociais, ao que nos parece, até o ano de 1924 não tiveram papel fundamental, o que torna o movimento, antes de tudo, religioso. É, portanto, somente a partir da religião, do carisma de Dica e de sua legitimidade religiosa conquistada mediante constantes provas de suas capacidades carismáticas, que o movimento social e político pôde se estruturar, tornando-se, sobretudo, um movimento propriamente messiânico.

³⁶ Isaac Ribeiro da Costa. Testemunha. In: Processo 651, 1925, p. 10f.

³⁷ “Que de fato recebeu dinheiro e presentes, bem como o Coronel Sá lhe presenteou com quinhentos mil réis, o Coronel Castro, digo Diógenes Castro Ribeiro e Dr. Diógenes Pereira da Silva, lhe ofereceram de presente cinquenta mil réis, o Dr. Albatênio Caiado de Godoy lhe presenteou com um corte de vestido, presentes estes que ela não solicita, mas aceitava-os por um princípio de educação” (Benedita Cipriano Gomes. Indiciada. In: Processo 651, 1925, p. 94v)

³⁸ Em sua obra literária sobre o movimento de “santa Dica”, Antônio José de Moura utilizou-se dessa imprecisão acerca dos interesses em tais presentes para supor (em sua liberdade de criação literária) que esses coronéis – com destaque para Chico Sá – desejavam possuir Dica como sua amante, e tendo esta os rejeitado, se vingaram na tentativa de eliminar o “Reduto dos Anjos”. Ver: Moura (1989). Também na dissertação de mestrado que originou o presente artigo, levantamos algumas suspeitas em relação ao coronel Francisco José de Sá (Chico Sá), por sua relação direta tanto com a invasão do reduto (fruto, dentre outras coisas, da passagem da Coluna Prestes por Goiás, em 1924-1925), quanto com o processo criminal, o qual o mesmo coronel assina como testemunha em quase todos os depoimentos de acusação. Ver: Gomes Filho (2012, p. 121-122).

SAINT DICA FROM GOIÁS (BRAZIL): THE SPROUT OF A MESSIANIC MOVEMENT

Abstract: Although the “movement of saint Dica” is the most important religious movement with messianic-millennarian character of the history of the state of Goiás, its well-known still the necessity of academic inquiry on the facts, motivations, characteristics, singularities and outcome of the movement in question, whose sprouting and repression already are come close to complete 90 years of occurrence. In face of this, the central objective of the present article is an analysis of the beginning of the messianic movement of “saint Dica” in Goiás, starting by the conditions that made possible the sprouting of such movement, as well as of that they had constituted its social ballast.

Keywords: Messianism. Saint Dica. Goiás.

Referências

ALMEIDA, Leandro Antônio de. Reflexões sobre “a pergunta do morto” de João de Minas. **Fênix: revista de história e estudos culturais**. Vol. 4, ano IV, n. 3, jul-set, 2007.

ARAÚJO, Edna Pereira da Silva. **Santa Dica: representações de uma sertaneja mística em Goiás**. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Especialização em História do Brasil e Região), Universidade Estadual de Goiás – UEG, Anápolis, GO, 2001.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. **A construção de uma marginalidade através do discurso e da imagem: Santa Dica e a corte dos anjos em Goiás – 1923-1925**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, 1992.

_____. “Santa Dica: relações de gênero e campo religioso”. In: COUTINHO, Sérgio Ricardo. (org.). **Religiosidades, Misticismos e História no Brasil Central**. Brasília: CEHILA/Universa, 2001.

CÂMARA, Jaime. **Nos tempos de Frei Germano**. Goiânia: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1974.

CARVALHO, Maria Meire de. “Em Goiás como em Canudos: Santa Dica – A conselheira de saias”. **Estudos**. Goiânia, v. 30, n. 12, dez., 2003.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2003.

GOMES FILHO, Robson. **O movimento messiânico de “santa Dica” e a Ordem Redentorista em Goiás (1923-1925)**. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, 2012.

_____. O sagrado manipulado: o movimento de Santa Dica e sua relação com a Igreja Católica. **Caminhos**. Goiânia, vol. 7, n. 2, 2009.

LIMA, Jorge de. “Santa Dica”. In: **Poesias completas**. Rio de Janeiro: Aguilar/Brasília, 1974

MINAS, João de. **Mulheres e Monstros**. São Paulo: Unitas, 1933.

MOURA, Antônio José de. **Sete Léguas de Paraíso**. São Paulo: Global, 1989.

REZENDE, Waldettes Aparecida. **Santa Dica: História e Encantamentos**. Lagolândia: Ativa, 2009.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado: teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2007.

_____. “Conscientização histórica frente à pós-modernidade: a história na era da 'Nova intransparência'”. **História: questões & debates**. Curitiba, 10(18-19): 303-328, junho, 1989.

SILVA, Jeane das Graças Araújo. **Santa Dica ou Reduto dos Anjos: uma visão psicossocial**. Dissertação (Mestrado), Universidade Católica de Goiás – UCG, Goiânia, GO, 2005

VASCONCELLOS, Lauro de. **Santa Dica: Encantamento do Mundo ou Coisa do Povo**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. 4ª ed. Brasília: ed. Da UnB. 2009. V. I

_____. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. São Paulo: Imprensa oficial. 1999. V. II

Documentos manuscritos:

PROCESSO 651, maço 9. Cartório de Crime de Pirenópolis (GO). 1925.

SOBRE O AUTOR

Robson Rodrigues Gomes Filho é doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense e professor efetivo do curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Morrinhos.

Recebido em 07/10/2014

Aceito em 30/11/2014